

---

## **Artesanato e mídia: tensões entre o tradicional, o moderno, identidade e memória<sup>1</sup>**

Thalia Aparecida GONÇALVES<sup>2</sup>  
Denise Figueiredo Barros do PRADO<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### **RESUMO**

Este artigo pretende refletir sobre o atravessamento midiático no artesanato na cidade de Mariana (MG), uma vez que temos observado a incorporação de elementos midiáticos em suas produções (ex: reprodução da forma e da estampa da Galinha Pintadinha), o que segundo Canclini (2011), seria a desterritorialização das práticas culturais. Além disso, constatou-se também que as artesãs têm utilizado os meios de comunicação para aprender novas técnicas. Sendo assim, o saber-fazer artesanato sofre uma deslocalização e uma destemporalização (MARTÍN-BARBERO, 2003), pois a transmissão dos saberes artesanais já não mais ocorre exclusivamente entre gerações. Dessa forma, percebe-se que há um conflito entre o tradicional e o moderno, a mídia e o artesanato que também afetam aspectos da identidade e da memória.

**PALAVRAS-CHAVE:** artesanato; mídia; tradição; identidade; memória.

### **1. INTRODUÇÃO**

A cultura, em seu sentido mais amplo, não é uma manifestação pura, mas sim uma “mistura dinâmica” dos saberes rurais, urbanos, folclóricos, científicos, midiáticos, etc., que se dá no presente e por ele é afetada. Logo, “não existe uma cultura única e legítima” (SARLO, 1997, p. 121) o que torna impossível restaurá-la. Do mesmo modo que Sarlo, Chartier (1995, p. 181) também é crítico à abordagem purista – na qual a cultural popular seria uma “cultura antiga, oral e comunitária, festiva e folclórica, que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ06 - Interfaces Comunicacionais do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e bolsista de iniciação científica. Contato: thaliaapgoncalves23@hotmail.com

<sup>3</sup> Coordenadora do Projeto de Pesquisa e Co-fundadora do Grupo de Pesquisa em Mídia e Interações Sociais – Giro. Professora do Curso de Jornalismo e do PPGCOM da UFOP. Contato: denisefbp@gmail.com

---

era, ao mesmo tempo, criadora, plural e livre” – na qual a presença midiática seria uma degradação da cultura.

Martín-Barbero (2008) é outro crítico a essas perspectivas puristas que foram adotadas sobre a cultura popular, especialmente, na América Latina. Para o estudioso, a associação do popular com o camponês que pressupõe que o urbano é o seu antônimo, não é apenas uma visão equivocada, mas também ingênua do que é o popular. Por isso, associar os meios de comunicação de massa e a tecnologia com o fim de uma cultura pura não é só uma ideal purista radical, como também uma leitura imprecisa da cultura.

Além disso, é preciso reconhecer que os avanços tecnológicos proporcionaram a ruptura das “fronteiras geográficas-culturais” facilitando a troca de conhecimento e costumes entre o urbano e o rural (SARLO, 1997, p. 102.). Isso é exemplificado por Martín-Barbero (2008, p. 270) ao abordar questões relacionadas ao cinema e ao rádio. Enquanto o cinema foi o maior meio de expressão e divulgação dos nacionalismos a partir do melodrama, para as pessoas “fazer[em] experimentos com sua vida cotidiana’ e para ‘ver[em] reiterados os códigos dos costumes””; o rádio mediou a tradição e a modernidade ao transmitir valores de classe e raças. Logo, estaria o camponês conectado à “sensibilidade urbana”.

Já na década de 1960, com a indústria cultural e as afetações cotidianas causadas pela publicidade (incentivo ao consumo e desvalorização dos saberes e práticas populares), ocorre uma homogeneização dos estilos de vida tendo como principal interlocutora a TV.<sup>4</sup> Dessa forma, “com sua obsessão pelo que é atual, ou melhor, pela atualidade, a televisão suplantar as temporalidades e os ritmos num discurso que procura tornar tudo contemporâneo” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 271), reverberando o discurso do moderno, atemporal e sem marcas do regionalismo e aproximando os espaços urbanos e rurais.

Sarlo, tal como o autor, vê os meios de comunicação de massa como potencializadores para conectar o campo e a cidade e reduzir a distância entre elas:

Onde quer que cheguem os meios de massa, não passam incólumes as crenças, os saberes e as lealdades. Todos os níveis culturais se reconfiguram quando se produz uma reviravolta da magnitude implicada pela transmissão

---

<sup>4</sup> MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 271.

---

eletrônica de imagens e de sons. Hoje, a cidade está presente no mundo rural não somente na ocasião da visita do caudilho, um padre ou mercador de folhetins, mas sempre e sincronicamente: o tempo da cidade e do espaço campestre, antes separados por distâncias semanalmente reduzidas pela estrada de ferro, os jornais e os livros, *agora são tempos sincronizados*. (SARLO, 1997, 103 - 104, grifos nossos).

Desse modo, a cidade não só se faz presente no meio rural, mas também interfere e modifica as práticas e hábitos dos camponeses, como por exemplo, na troca das rodas de conversa entre vizinhos pela novela, ou ainda a modernização da agricultura. Diante disso, é preciso reconhecer que os meios de comunicação de massa tensionaram e tensionam as relações culturais, de modo que as consequências da sua presença não podem ser limitadas. Assim, “as culturas populares, então, atravessam uma longa transição sobre a qual é difícil fazer um balanço. Sabemos o que se perdeu, mas ninguém sabe ao certo o que se ganhou desde que os meios audiovisuais implantaram a sua hegemonia” (SARLO, 1997, p. 103).

## **2. REFLEXÕES SOBRE O ARTESANATO**

Inicialmente, a prática artesanal era considerada uma atividade típica da vida no campo, voltada para suprir as necessidades cotidianas e, até metade do século XX, era uma forma de resistir à mecanização (MACHADO; COLVERO, 2017, p. 133). De acordo com Dupey (2006, apud. MACHADO; COLVERO, 2017, p. 133), durante o século XX, a atividade artesanal sofreu um processo de deslocamento na América Latina decorrente do êxodo rural, possibilitando que a prática passasse a ser desenvolvida nas cidades. Logo, o artesanato é um exemplo das inquietações em torno do rural e o urbano, o tradicional e o moderno.

Para Canclini (2011), esse processo de deslocamento seria uma desterritorialização, ou seja, as práticas culturais perdem as suas relações com o seu território geográfico e social devido ao processo de globalização e, conseqüentemente, diminuem elementos que estabelecem vínculos entre a nacionalidade e o popular. “Isto quer dizer que tais práticas e produções desorganizam a rápida associação entre o

popular e uma identidade nacional e revelam as relações multidirecionais e interculturais que vem sendo travadas na contemporaneidade” (PRADO, 2017, p. 6).

Ao analisarmos o nosso objeto de pesquisa<sup>5</sup>, o artesanato marianense, percebe-se esse fenômeno, já que a prática artesanal tem passado por uma interferência midiática em diversos níveis (reprodução de personagens e incorporação de novas técnicas), perdendo características que marcam exclusivamente o seu território e identidade. Portanto, o artesanato se revela híbrido ao cruzar o saber tradicional com o contemporâneo, como observado na foto abaixo:



**Figura 1: Aplicação da imagem da Galinha Pintadinha em tapete de barbante em loja de Mariana-MG.**

Crédito da imagem: Monique Campos

Dessa forma, Canclini afirma que

Hoje todas as culturas são de fronteiras. Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo que são intercambiados com outros. Assim as culturas perdem relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento. (CANCLINI, 2011, p. 348).

---

<sup>5</sup> Em nosso projeto, o “Artesanato e Cultura Midiática II: os sujeitos artesãos e a prática cultural”, do qual sou bolsista de iniciação científica, buscamos analisar os atravessamentos midiáticos no artesanato de Mariana-MG e compreender como as artesãs marianenses compreendem a sua prática cultural e a veem em diálogo e inserida na cultura contemporânea.

---

Martín-Barbero (2008), ao apoiar-se nas ideias defendidas por Canclini, afirma que para compreender o sentido da produção artesanal é preciso diferenciar três planos: as pressões, as mediações e a dimensão da afirmação étnica. Segundo o autor, as pressões seriam decorrentes da desvalorização dos produtos agrícolas o que levou ao êxodo rural e ao consumo capitalista. Assim, as práticas artesanais transformam-se em uma atividade com o fim econômico, sendo a principal fonte de renda em algumas comunidades. Dessa forma, o artesanato passa a ser afetado pela lógica do mercado.

(...) O processo de padronização dos produtos e a homogeneização dos gostos exige paradoxalmente que se faça frente ao risco de entropia, mediante a renovação periódica dos projetos, a inovação das texturas, a produção de diferenças. Ante essa exigência de renovação, o artesanato apresenta a raridade e a variedade de suas padronagens e mesmo sua imperfeição. O que é traduzido em termos de nostalgia pelo natural e pelo rústico, fascínio pelo exótico, constituindo-se assim essa outra forma de pressão cada dia mais poderosa que é a do turismo (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 265).

O atravessamento mercadológico no artesanato descrito pelo autor é observado em Mariana (MG), na medida em que as produções inserem-se na cultura midiática, seja por reproduzir os seus elementos, buscar novas técnicas, utilizar da internet como plataforma para vendas ou produzir peças que atendam às necessidades contemporâneas como capas de tablets e porta celulares (PRADO, 2018). Dessa forma, percebe-se que esses cruzamentos midiáticos e mercadológicos são demandados a fim de satisfazer as expectativas do comprador em relação ao seu consumo de mídia e tecnologias, principalmente, se considerarmos que são os turistas<sup>6</sup> que mais adquirem o artesanato em Mariana, MG<sup>7</sup>.

No entanto, é preciso ressaltar que esses atravessamentos mercadológico e midiático no artesanato local não é um fenômeno novo e decorrente das mídias digitais, dado que o midiático já se fazia presente nas influências das artesãs pelas revistas e programas de TV. Além disso, é possível perceber que a fabricação também está

---

<sup>6</sup> Informação obtida através de entrevistas com artesãs marianenses para o projeto “Artesanato e Cultura Midiática II: os sujeitos artesãos e a prática cultural”.

<sup>7</sup> Entretanto, é precipitado afirmar que esses cruzamentos midiáticos no artesanato tem, exclusivamente, finalidade comercial (PRADO, 2017, p. 3).

---

relacionada, por exemplo, com as estações e festividades: durante o inverno predomina a produção de toucas, cachecóis e luvas e durante a Semana Santa produtos relacionados à religião.

Por consequência, nota-se o processo de padronização dos produtos e a homogeneização dos gostos, já que várias lojas ofertam produtos semelhantes. De acordo com a artesã marianense Tulipa, 50 anos<sup>8</sup>: “artesanato é igualzinho a roupa, é moda. Lançou aqui, todo mundo quer lançar em outro lugar e todo mundo quer ter. Então, quem sair na frente, ganha o mercado mais rápido”<sup>9</sup>. Portanto, o mercado afeta as lógicas da cultura e das artes (SARLO, 1997).

Ainda de acordo com Martín-Barbero (2008), as mediações seriam as transformações hegemônicas do sentido do trabalho e da vida em comunidade sobre a produção artesanal. Dessa forma, modificaria o sentido do étnico e típico do artesanato, provocando um “esmaecimento da memória que convoca” (p. 265). Isso acarretaria numa fragmentação do processo artesanal, em que o indivíduo separaria da comunidade e produziria de forma mais particular, passando a ter a “necessidade de assinar seu nome em cada peça, e assim vai se dissolvendo o sentido social de seu trabalho” (p. 265).

Por fim, o autor fala da dimensão da afirmação étnica para entendermos o sentido produção artesanal no qual afirma que

A dimensão da *afirmação étnica* não está tão à vista quanto as pressões, nem se deixa ler como as mediações trabalhadas pela hegemonia. Seu acesso se encontra obstaculizado pelos pré-conceitos, os pressupostos de um etnocentrismo que penetra com igual força no discurso do antropólogo e no militante político, sobre o qual se apóia secretamente nossa própria necessidade de segurança cultural. Etnocentrismo que nos impede de perceber o sentido do desenvolvimento daquelas culturas. Assim, por exemplo, a demarcação entre arte e artesanato, baseada na identificação de arte com um “conceito unitário” que continua platonicamente fazendo dos objetos artísticos o reflexo da ideia de arte, enquanto “o artesanato não parece ter seu próprio demiurgo e só existe confirmado em sua materialidade” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 266, grifos do autor).

---

<sup>8</sup> Para preservar a identidade das artesãs seus nomes não serão divulgados, sendo substituídos por codinomes.

<sup>9</sup> Afirmação concedida em entrevista em 2016.

---

Portanto, revela-se um conflito entre os conceitos atribuídos à arte e ao artesanato, visto que não se considera a produção artesanal como arte, levando a sua desvalorização.

## **2.1 ARTESANATO MARIANENSE: IDENTIDADE E MEMÓRIA EM TENSÃO**

Segundo a Base Conceitual do Artesanato Brasileiro (2012, p. 12), toda produção, com predominância manual, feita por um indivíduo que alinhe técnicas, criatividade, habilidade e valor cultural é considerada artesanato, podendo ter um auxílio limitado de máquinas e instrumentos. No entanto, o documento não considera como atividade artesanal peças industrializadas ou que foram desenvolvidas através mídia, uma vez que a Base Conceitual do Artesanato Brasileiro acredita que isso romperia com as relações locais e tradicionais da produção artesanal, demonstrando uma lógica purista inexistente na atividade artesanal.

De acordo com Lemos (2011, apud. IRIAS; FARIAS; 2016) não seria possível atribuir significado ao artesanato devido à sua pluralidade de saberes e objetos. Entretanto, em sua afirmação, a autora desconsidera que como prática cultural, o artesanato tem um envolvimento simbólico com o social e que seria também “um condutor de resgates dos valores culturais e locais” (KELLER, 2010, apud. MACHADO; COLVERO, 2017, p. 134). Diante disso, entende-se que as atividades artesanais são uma forma de manifestar as identidades culturais, pois a partir das suas marcas é possível relacionar com a sua origem (TEIXEIRA, et all, 2011 apud. IRIAS; FARIAS; 2016) já que, em sua maioria, a sua produção é marcada por materiais típicos e saberes locais (BORGES, 2003 apud IRIAS; FARIAS; 2016).

Segundo Machado e Colvero (2017, p. 131), todos os processos envolvendo a prática artesanal (produção, venda/compra e circulação) abrangem a tríade “tradição-modernidade-identidade”. Portanto, sendo o artesanato um saber-fazer aprendido e transmitido entre gerações (passada dos pais para os filhos), influenciará na identidade dos artesãos. Desta forma, é a transmissão dos saberes artesanais entre pais e filhos o que marca o artesanato como meio de uma representação de identidade de um grupo (IRIAS; FARIAS, 2016). Contudo, como constatamos em nossa pesquisa, essa



---

passagem geracional do conhecimento tem sofrido mudanças, especialmente, pelas aprendizagens midiáticas<sup>10</sup>. Logo, é o moderno entrecruzando com o tradicional.

Ainda em nosso estudo não compreendemos as produções artesanais somente como formas culturais inseridas num contexto social singular e afetado pelas suas tensões, como entendemos essas produções como práticas significativas, uma vez que estão articuladas com sentidos sociais e elementos situacionais.

Também compartilhamos da perspectiva de Hall (2005), para quem a identidade, igualmente à cultura, não é uma manifestação pura, visto que ela é fragmentada, influenciada pelo nosso meio e estar sempre em processo de formação (HALL, 2005, p. 38). Já Castells (1999, p. 22 apud. IRIAS; FARIAS; 2016), vai além e a considera como meio de acesso a significados, experiências, saberes e tradições de um povo, construída com base em atributos culturais. Dessa forma, é possível perceber a sua manifestação nas atividades artesanais.

No entanto, tal como uma representação das tensões entre o moderno x tradicional e o rural x urbano, a marca da identidade no artesanato é também uma inquietação da modernidade. Entre as causas dessas tensões estão os avanços tecnológicos e a sua utilização na fabricação das peças; os atravessamentos midiáticos e o mercado. Para nós, o que nos interessa como objeto dessa análise é a forma como o atravessamento midiático no artesanato marianense tem afetado as questões identitárias e memorísticas das artesãs.

Conforme dito anteriormente, é possível observar nas peças artesanais marianenses marcas midiáticas que ressignificam o fazer como cultura popular: artesãs que usam as mídias digitais e os meios de comunicação para aprenderem novas técnicas, divulgarem os seus produtos e vendê-los; e, a fabricação das formas midiáticas (ex: Galinha Pintadinha em tecido), reprodução de elementos da mídia no artesanato (ex: personagens estampados em toucas infantis) e produtos que atendam às demandas tecnológicas (ex: capas para celulares e tablets) (PRADO, 2018).

Entretanto, apesar desses artefatos estarem presentes em lojas locais, eles geram apreensão entre as artesãs. A partir de entrevistas narrativas realizadas entre 2016 e

---

<sup>10</sup> Para saber mais sobre isso, veja Prado (2017, 2018).



---

2017 com artesãs marianenses foram identificadas duas questões principais que afetam as suas relações entre o artesanato e a identidade e a memória. São elas: os meios de comunicação para aprendizagem de novas habilidades artesanais e o uso de marcas midiáticas no artesanato.

Martín-Barbero (2003) ao discutir sobre a transmissão dos conhecimentos na atualidade afirma que estamos vivemos uma deslocalização e destemporalização dos saberes. Isso ocorre porque as instituições “tradicionais” do conhecimento (escolas, famílias e Igrejas) já não podem ser consideradas as únicas responsáveis pela propagação dos saberes. Mais do que isso, o autor afirma que há uma descentralização dos saberes dos livros e uma disseminação das fronteiras entre os estudos acadêmicos e o senso comum, sendo os meios de comunicação uma via para que isso ocorra.

Ainda segundo Martín-Barbero (2003), as instituições de ensino ditas tradicionais passam a disputar os espaços dos saberes com outras entidades, especialmente, os meios de comunicação. Esses conflitos são também discutidos por Sarlo (1997, p. 102) ao abordar sobre os espaços ocupados pelas Igrejas nas televisões (o que resultaria em “pastores digitais”) e os conflitos das escolas em tornar o ensino tão atraente quanto o audiovisual. Por sua vez, Gómez (2001) debate sobre a dimensão pedagógica da TV, já que ela modifica os vínculos fundamentais entre os sujeitos sociais com os seus contextos clássicos de informação e produção de conhecimento e torna-se um meio de “educar” a sua audiência mesmo não tendo licença para tal.

Esse fenômeno é refletido no artesanato marianense, visto que as artesãs não mais aprendem o saber-fazer artesanal exclusivamente entre o núcleo familiar e/ou entre pessoas da mesma comunidade, mas também pelas mídia e redes sociais (revistas, TV, canais de *YouTube*, *Facebook* e *Pinterest*). Isso possibilita que o conhecimento artesanal se expanda e outras pessoas possam aprender essa cultura, ao mesmo tempo que proporciona um intercâmbio cultural entre diversos grupos de artesãos. Um exemplo dessa mescla/troca cultural é relatada em entrevista com a Amarílis, 75 anos, em que ela narra que pesquisando em grupos de artesanato no Facebook encontrou uma artesã de Pernambuco (PE) que faz bonecas de pano e, inspirada nela, passou a fabricar as suas próprias peças. Assim, não é mais preciso que você seja de uma certa região ou grupo

---

para fabricar os artefatos, podendo, em qualquer lugar, aprender e apropriar-se desse saber-fazer.

Analisando os dados coletados em entrevistas com as artesãs de Mariana-MG constatou-se que entre os meios midiáticos, há uma prevalência do uso da televisão e internet para pesquisarem novas referências<sup>11</sup>. Entre as emissoras de TV que foram mais citadas estão a Canal Século 21, a Canção Nova e a TV Aparecida; já os canais do *YouTube* não foram especificados quais elas seguem. Dessa forma, nota-se um pequeno e curioso vínculo com a religião, principalmente, ao considerarmos o contexto sociocultural em que as artesãs estão inseridas: uma cidade do interior, histórica e tradicionalmente católica. Essa conexão também é refletida em suas produções, já que, como narrado pelas artesãs, durante as festividades religiosas da cidade as peças são mais voltadas a essa temática.

Contudo, essas modificações no modo de aprender a técnica artesanal através das mídias não significam, necessariamente, que há uma perda de identidade na produção, mas sim afetações nas memórias que são construídas através do ato de transmitir a técnica. Para Pollak (1992), as nossas memórias são constituídas por acontecimentos, personagens e lugares a partir das nossas vivências. Portanto, “*a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 204, grifos do autor) e dos seus saberes e costumes.

Assim, a apropriação das mídias para conhecer outras formas de se fazer artesanato, afeta as memórias na medida em que são nelas e nas experiências sociais compartilhadas que o ato de propagar uma tradição está ancorado (MORIGI; ROCHA; SEMENSATTO, 2012, p. 182), pois

a tradição como mecanismo de transmissão possibilita que alguns elementos que sejam fortemente organizados em estruturas socioculturais sólidas possam ser memorizados e assim compartilhados. A relação

---

<sup>11</sup> As revistas e redes sociais (Facebook e Pinterest) também foram citados como inspiração.

---

lembrar/esquecer é o que possibilita as ações das tradições e até mesmo sua existência (CANDAUI, 2011, apud. MACHADO; COLVERO, 2017, p. 137).

Logo, ao reapropriar esse modo de difusão da prática artesanal há um conflito entre o saber tradicional e as histórias que a partir dele foram construídas com a modernidade.

Segundo Schimidt (2011, p. 125), “os artesanatos de cada localidade e cada grupo poderão emitir informações a respeito de si – do seu produtor, de sua gente, de sua localidade – bairro, cidade ou região, e conseqüentemente de todo um perfil cultural – identificando sujeitos em busca de suas histórias”. Portanto, a interferência midiática no artesanato não modifica apenas nas lembranças das próprias artesãs sobre ser uma arte que passa entre gerações, mas também nos traços memorísticos referentes à cidade na produção, delimitando o seu local de origem, fazendo com que as pessoas reconheçam e saiba de onde é aquela produção<sup>12</sup>.

Sendo assim, o artesanal ao reproduzir elementos da mídia, por exemplo, os heróis da Marvel ou a Galinha Pintadinha, cria um campo de disputa entre esses ícones e elementos que marcam a territorialidade dos artefatos (alguns exemplos em Mariana-MG seriam a Praça Minas Gerais e as igrejas). Nas palavras de Canclini, é o artesanato sofrendo uma desterritorialização.

Não podemos afirmar quais são os ganhos e as conseqüências dessa desterritorialização, no entanto, há um conflito entre quem está produzindo o artesanato e onde ele se insere. Foi observado durante as entrevistas que, mesmo entre as artesãs que utilizam as redes sociais para divulgarem o seu trabalho e pesquisar novos modelos em canais de TV e *YouTube*, o fato do artesanato incorporar elementos midiáticos, por exemplo, os personagens infantis, causam uma inquietação, pois, para elas, deixam de remeter à cidade. Esse incômodo é narrado pela artesã Acácia, 79 anos:

Olha, para dizer a verdade, eu não sou simpática a essas multiplicações dessas coisas de personagens de desenho como a Peppa. (...) Eu acho que eles não estão dizendo nada da nossa cidade, eles não estão mostrando nada da nossa cidade. O [artesanato] antigo eu acho que desperta mais a lembrança do passado e da perfeição dos antigos em bordar, fazer crochê, o crivo e outros pontos a mais que hoje a mocidade não está ligando, fica só

---

<sup>12</sup> Em Mariana-MG, algumas atividades artesanais que marcam fortemente a territorialidade são os produtos de pedra-sabão, a arte sacra em madeira e os tapetes de sisal.

---

nessas galinhas, corujas, são bonitas não são feias, *mas não são uma coisa nossa*. Não é uma coisa criada aqui na nossa cidade. (...) *a história de lembrar o artesanato é do lugar onde a gente vive. Onde a gente nasceu é que vai dizer o que é o artesanato. Onde ele for a pessoa vai descobrir que ele é de Mariana, a pessoa vai identificar a cidade pelo trabalho. Eu falo muito aqui sobre a respeito dessa identidade, tem poucos trabalhos que mostram Mariana*. (Acácia, 79 anos, 2016, grifos nossos).

Segundo Acácia, a função do artesanato é lembrar o lugar onde vivemos e, por isso, como forma de contribuir para preservar essas memórias, a artesã gosta de homenagear em seu trabalho as festividades locais (Semana Santa e Natal), o bloco carnavalesco centenário “Zé Pereira da Chácara” e fazendo bonecos que representem personalidades marianense que deixaram um “legado” na cidade. Para ela, mais do que uma forma de não permitir que essas recordações caiam no esquecimento, é uma contribuição para que mais pessoas conheçam essas histórias<sup>13</sup>. Isso vai ao encontro do que Schmidt (2011, p.126) afirma sobre as identificações cotidianas no artesanato representam oportunidades de ativar histórias que muitos não viveram, mas que permanecem em registros e lembranças.

É importante observar na fala da artesã que os elementos midiáticos e memórias apresentam outra problemática: para elas, o fato de replicar por exemplo, os personagens infantis, significaria que o artesanato “antigo” estaria perdendo suas características primordiais de trazer características socioculturais locais e daria lugar para um “novo” tipo de artefato. Diante disso, entende-se que para a artesã, são as memórias locais que o artesanato acionam que lhe atribuem características especiais quanto saber.

Todavia, apesar da prática artesanal remeter à lembranças, ele não pode ser compreendido como uma memória propriamente dita e nem um passado, mas sim como uma representação de uma vivência histórica e dessa forma deve ser tratada (SCHMIDT, 2011, p. 125).

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>13</sup> Sobre isso, a artesã também afirma: “É muito gratificante (...) eu poder mostrar e história dos grandes moradores de Mariana que já faleceram e não deixar que eles caiam no esquecimento” (Acácia, 79 anos, 2017).

---

O artesanato, como prática cultural, não é um campo puro. Logo, as suas relações com a mídia apresentam várias tensões. Se por um lado, o saber tradicional e os recursos tecnológicos modernos representam possibilidades de expansão do saber-fazer artesanal e romper com as fronteiras geográficas para que mais pessoas possam aprender a sua técnica; por outro, a incorporação dos elementos midiáticos nas obras representam rupturas com saberes, costumes e características locais. Contudo, não podemos delimitar as suas consequências.

O que percebemos é, por mais que as artesãs marianenses utilizam os meios de comunicação para pesquisarem referências, divulgação e venda e incorporam os seus elementos, há uma certa resistência em trazer os símbolos midiáticos para as produções, pois isso significaria a desvalorização do “antigo”, perda de elementos identitários e memorísticos.

Além disso, há quem veja que esse fenômeno é o contrário: é os meios de comunicação que se apropriam do saber-fazer artesanal, apesar de considerarem a mídia como um instrumento importante de divulgação do artesanato. Essa tensão é narrada pela artesã Tulipa, 50:

Eles acabam aproveitando do artesanato pra fazer na mídia. É o inverso. Por exemplo, coruja já existe há muitos anos, raposa também. No artesanato o galo é uma coisa antiquíssima. A mídia levou isso pro futebol. *Acho que a mídia que pega isso do artesanato.* A galinha de angola a gente faz [há] anos e anos, eles só colocaram [uma] tonalidade diferente. Mas eu acho excelente, é uma maneira de divulgar. O artesanato tava escondido. Então, por estar divulgando, acaba que nós do artesanato ficamos mais conhecidos. Porque as pessoas chegam pra ver a Galinha Pintadinha, acham a galinha carijó, a galinha de angola e acham muito mais bonito. É uma maneira da gente poder divulgar mais (TULIPA, 50 anos, 2017, grifos nossos).

Diante disso, o que percebemos é que o artesanato e a mídia é um campo de disputa e que, apesar de terem fortificado com as mídias digitais, não é um fenômeno novo. As tensões entre o tradicional e o moderno, o artesanato e a mídia sempre foram dadas e permanecerão. O que sabemos é que essas relações se revelam híbridas e decorrentes da contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

---

BASE CONCEITUAL DO ARTESANATO BRASILEIRO. Brasília, 2012. <Disponível em: <https://manosdeartesano.files.wordpress.com/2013/06/base-conceptual-del-artesano-brasileiro.pdf>>. Acesso em: 15. mar. 2018

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas, poderes oblíquos. In: \_\_\_\_\_. **Culturas híbridas estratégias para entrar e sair da Modernidade**. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão, 4 ed, 5 reimp - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011, p. 283-372

CHARTIER, Roger. “Cultura Popular”: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, nº. 16, 1995, p. 179-192. <Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005/1144>> . Acesso em: 22. set. 2017

GÓMEZ, Guillermo Orozco. Audiencias, Televisión y Educación: una desconstrucción pedagógica de la <Televidencia> y sus mediaciones. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 27, 2001, p. 155-175. <Disponível em: <https://www.educ.ar/recursos/70684/audiencias-televisión-y-educación-una-deconstrucción-pedagógica-de-la-televidencia-y-sus-mediaciones>>. Acesso em: 17. jan. 2018

HALL, Stuart. **A identidade cultura na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 7-97.

IRIAS, Marli; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Artesanato, Cultura e Identidade do Grupo Art D'Mio de Brás Pires - MG. **Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica**, Viçosa, v. 27, n.2, 2016, p. 119-151. <Disponível em: <http://www.seer.ufv.br/seer/oikos/index.php/httpwwwseerufvbrseeroikos/article/view/267>>. Acesso em: 03. abr. 2018

MACHADO, Juliana Porto; COLVERO, Ronaldo Bernadino. Artesão ou guasqueiro: Uma discussão sobre identidade e Memória. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 3, ed. especial, 2017, p. 129-141. <Disponível em: <http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/422>> . Acesso em: 28. fev. 2018

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Os métodos: dos meios às mediações. In: \_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides, 5 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, p. 261-323.

---

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Saberes hoy: Diseminaciones, Competencias y Transversalidades. **Revista Iberoamericana de Educación**, nº 32, p. 17-34, 2003.

MORIGI, V. J; ROCHA, C. P. V; SEMENSATTO, S. Memória, representações sociais e cultura imaterial. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, ano 09, n. 14, 2012, p. 182-191. Disponível em: <[http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero14-2012/artigos/waldir\\_pt.pdf](http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero14-2012/artigos/waldir_pt.pdf)>. Acesso em: 05. mar. 2018

PRADO, Denise Figueiredo Barros do. Consumo/Produção: a midiaticização e as práticas culturais artesanais. In: **II Seminário Internacional de Pesquisa em Midiaticização e Processos Sociais**, 2018, São Leopoldo, p.1-6 Disponível em: <[http://www.midiaticom.org/seminariointernacional/archives/2018/gts/gt10%20organizacaoes\\_persuasao/Consumo%20Produ%C3%A7%C3%A3o%20-%20Denise%20Prado.pdf](http://www.midiaticom.org/seminariointernacional/archives/2018/gts/gt10%20organizacaoes_persuasao/Consumo%20Produ%C3%A7%C3%A3o%20-%20Denise%20Prado.pdf)>. Acesso em: 16. abr. 2018

PRADO, Denise Figueiredo Barros do. O midiático e a cultura popular: algumas reflexões sobre o artesanato de Mariana. In: **Enecult: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, XIII, 2017, Salvador, p. 1-12. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult/programacao-3/apresentacao-em-grupos-de-trabalho-nos-14-eixos-tematicos/anais/>>. Acesso em: 15. out. 2017

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>> Acesso em: 27. nov. 2017.

SARLO, Beatriz. Culturas populares, velhas e novas. In: \_\_\_\_\_. **Cenas da vida Pós-Moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**. Tradução: Sérgio Alcides, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 99 - 122.

SCHMIDT, Cristina. Artesanato: mídia popular e o lembrar comunitário. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, Ano 15 n.15, p. 121-128 jan/dez. 2011. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/article/view/4735/4021>>. Acesso em: 15. abr. 2018